



## **Atra bilis**

Leitura encenada

Atra bilis, a quarta obra de Laila Ripoll, estreou em 2001 no país vizinho. Representou uma importante viragem na carreira da atriz e encenadora que fundou, no início da década de 90, a companhia Micomicón e que até então se tinha dedicado quase exclusivamente à montagem de textos clássicos e à escrita de monólogos.



# Atra Bilis

Alexandra Viveiros/Alexandre Pieroni Calado/ Paula Garcia

Sandra Hung/Sofia Dinger

Teatro António Assunção

13 Julho 2015 16.00 horas

---

**Festival de Teatro de Almada 2015**  
Teatro António Assunção  
Almada

**Texto**  
Laila Ripoll

**Dramaturgia e encenação**  
Alexandre Pieroni Calado

**Interpretação**  
Alexandra Viveiros  
Paula Garcia  
Sandra Hung  
Sofia Dinger

**Apoios**  
Acción Cultural Española, AC/E

Atra bilis trouxe o reconhecimento do público e da crítica a Laila Ripoll e permitiu-lhe “criar uma linguagem mais poderosa e mais rica”, que se inspira na herança proverbial de muitas aldeias espanholas e no imaginário das suas anciãs. Na opinião da autora, “estas mulheres possuem um imaginário muito interessante, ainda que a sua vida gire, muitas vezes, em torno de atmosferas repressivas”, marcadas pela morte e pelo isolamento.

A acção desta comédia grotesca decorre justamente num velório, durante o qual três irmãs e uma velha criada tão depressa suspiram como enxovalham o homem que está estendido no caixão e que é, simultaneamente, marido de uma, cunhado de duas e patrão da última. Fora quase sempre por sua causa que o relacionamento entre aquelas mulheres se deteriorara, forçando-as a vergarem-se sob o peso de segredos que incluem nados-mortos, gatos assassinados, acidentes de viação meticulosamente planeados, simulacros de incapacidade física, incêndios e tentativas de envenenamento. Com o passar dos anos, a viúva tornara-se autoritária, uma das irmãs enlouquecera e a outra passara a depender das migalhas alheias, numa casa onde a empregada alimenta ódios antigos – nascidos da desconsideração do padre que se recusou a enterrar a mãe suicida, do guarda que matou o irmão por ter caçado um coelho num terreno onde tal prática era proibida, da exploração laboral e sexual levada a cabo pelos vários amos.

### **Entre o esperpento e o realismo mágico**

Apesar da seriedade dos temas, o humor negro com que são tratados dá origem a histórias disparatadas e a uma transição rápida para o riso e para o surrealismo. A mescla de influências a que recorre Laila Ripoll contribui igualmente para o carácter tragicómico do texto: “Os autores que mais me influenciaram nesta obra são Ramón de Valle-Inclán, Federico García Lorca e Fernando Arrabal. 95% da temática galega de Valle está aqui contida e o meu teatro deve-lhe muito. Mas são sobretudo Lorca e a sua Casa de Bernarda Alba que constituem influências indisfarçáveis em Atra bilis. Toda a tragédia rural e a situação das mulheres oprimidas em ambiente popular são herdeiras do drama lorquiano”, confessa a autora. E se Arrabal a contagiou “pelo seu humor e influência clássica”, dos mestres latino-americanos Jorge Luís Borges e Juan Rulfo a dramaturga aproveita, respectivamente, o tratamento do tempo e a ascendência da tristeza e da saudade sobre a acção. Atra bilis aproxima-se ainda das obras-primas do esperpento, um género literário criado por Valle-Inclán no início do século XX, que se caracteriza pela deformação sistemática da realidade, enfatizando os seus traços grotescos e absurdos e privilegiando o jargão e a fala coloquial.

### **Atractivos de uma leitura encenada**

Alexandre Pieroni Calado, o criador responsável pela condução desta leitura encenada, destaca, em primeiro lugar, “a negrura e a acidez” do texto. “Foi com muito gosto que aceitámos este convite inesperado”, declara em entrevista, “e tentaremos estar à altura das expectativas de quem vinha ao encontro do Teatro Meridional e de Natália Luiza”, como inicialmente se anunciou na programação do 32.º Festival de Almada. Atra bilis corresponde, no seu entender, a uma espécie de “farsa grotesca em vestes domingueiras” que, embora possa conter um lado misógeno e uma crítica embrionária à mesquinhez dos meios pequenos e à complexidade das relações familiares, se impõe sobretudo pelos “diálogos rápidos e irónicos que bastam, no plano da linguagem, para dar conta das temperaturas dos afectos”. Será, aliás, este aspecto que mais pode vir a beneficiar, no seu entender, de uma leitura encenada, esse “lugar entre o contacto silencioso com o texto e a experiência de um espectáculo teatral”. No fundo, é “uma oportunidade para fazer soar as palavras e para convocar a imaginação do espectador, que é convidado a completar aquilo que a autora e os actores se limitam a sugerir”.

**Equipa artística e técnica**

Texto

Laila Ripoll

Tradução

Andreia Barros Ferreira

Direcção

Alexandre Pieroni Calado

Interpretação

Alexandra Viveiros

Paula Garcia

Sandra Hung

Sofia Dinger

Português

75'

M/12